

o sociolingüismo da fronteira sul *

Fritz Hensey (da Univ. do Texas)

De tôdas as fronteiras que o Brasil compartilha com os países de língua espanhola, nenhuma foi cenário dum convívio mais intenso e mais prolongado do que a que separa o Rio Grande do Sul da República Oriental do Uruguai. Já estão descritos os antecedentes históricos dêste convívio luso-hispânico por escritores como Zum Felde, Oliveira Vianna, Carbajal, M. Vellinho, etc. O que quero observar agora é a situação atual, em termos do sociolingüismo de algumas comunidades fronteiriças.

A população fronteiriça concentra-se em cidades gêmeas... Quarai- Artigas, Livramento-Rivera, Jaguarão-Rio Branco, etc. Neste estudo nos referiremos às comunidades livramento-Rivera e Jaguarão-Rio Branco, sendo a primeira delas objeto da maior atenção por representar o principal centro fronteiriço, o lugar onde o convívio é mais intenso.

As tabelas a seguir, representam dados colhidos por meio de várias pesquisas — aqui, levantamentos e entrevistas — realizadas *in loco* durante 1965¹. Cada tabela está dividida em Seções que apresentam um ou outro aspecto do tema da tabela. Os temas são:

Tabela A — *Convívio Fronteiriço*, i. é, quais foram os informantes, onde moravam, a que níveis sócio-econômicos pertenciam; procuramos indicar alguma coisa sôbre o tipo de relação humana que existe entre as duas etnias.

Tabela B — *Presença e Penetração do Espanhol em Terras Brasileiras e do Português em Terras Uruguaias*; i. é, se se fala espanhol em

* Comunicação apresentada à seção de DIALETOLOGIA do II Congresso da Associação de Lingüística e Filologia da América Latina (ALFAL).

terras brasileiras e vice-versa, se houve algum aumento através do tempo (de pais a filhos), qual a distribuição do bilingüismo em termos de etnia e de nível sócio-econômico.

Tabela C — *Aquisição e Emprêgo de Cada Língua* — quando é que a criança se torna bilíngüe? Sendo bilíngüe, qual a língua que a criança prefere falar com certas pessoas, i. é, qual é seu comportamento lingüístico?

Tabela D — *Índices de Interferência Fonológica*² — aqui, damos os resultados duma tentativa de quantificar a suposta interferência fonológica do espanhol no português de um grupo de bilíngües de Rivera. É um argumento estatístico cujos detalhes aparecem na própria tabela.

Tabela E — *Tipos de Interferência do Espanhol no Português e Vice-versa* — damos alguns resultados dum levantamento feito entre professores do primário, onde perguntamos em que aspectos da língua — gramática, pronúncia, etc. — eles achavam que seus alunos faziam erros devidos à outra língua. Vejamos as tabelas.

A Tabela A dá uma visão geral da intimidade do convívio de brasileiros e uruguaios nos dois centros fronteiriços. Muitos pais de família brasileiros moram em comunidades uruguaias, e vice-versa, e há um bom número de casamentos internacionais. A taxa de tais casamentos é índice da assimilabilidade mútua dos povos em contato. Vemos, contudo, que o contato é bem mais estreito em Livramento-Rivera do que em Jaguarão-Rio Branco.

Os níveis sócio-econômicos atribuídos aos informantes refletem a profissão e o nível de instrução dos pais de família em questão, de acordo com os critérios fornecidos pelos próprios fronteiriços em pesquisas anteriores. Noutro trabalho³, descrevemos com mais detalhes a classificação sócio-econômica; note-se, porém, que termos como “alto”, “baixo”, não são idênticos nas duas comunidades nacionais. O chamado nível baixo de Rivera inclui muitos trabalhadores rurais, enquanto o nível homônimo de Livramento é de operários urbanos. Acontece que há certas mudanças sociais que afetam o grupo baixo riverense que quase não atingem o grupo baixo santanense (i. é, de Santana do Livramento). Estas observações têm uma relevância que veremos mais adiante.

A Tabela B mostra que há certo aumento, através do tempo, no conhecimento do espanhol em terras brasileiras e do português em terras uruguaias; o aumento, porém, não alcança significação estatística salvo em Rio Branco, onde as frequências baixíssimas nos fazem desconfiar.

No que diz respeito ao bilingüismo: aqui, bilíngüe é quem diz que *sabe falar* ambas as línguas, assim como aquele cujo filho diz que *ele* (o pai ou a mãe) *sabe falar* ambas. No questionário⁴, fizemos questão de que o informante entendesse que queríamos saber se *ele* (ou seus pais) falavam, e não apenas entendiam, a(s) língua(s) em questão. No que diz respeito ao bilingüismo, fica claro que é fenômeno uruguaião muitíssimo mais do que brasileiro. Na Seção III, vemos que em relação à nossa classificação sócio-econômica, o único aumento significativo através do tempo (de pais a filhos) ocorreu entre os riverenses do chamado grupo

baixo — grupo, precisamente, que está atingindo uma marcada ascensão social através da urbanização e graças a melhoramentos no sistema de escolas rurais.

Como exemplo, citaremos o fato seguinte: em Rivera, tivemos respostas de 446 alunos de ginásio (liceu), dos quais 75% indicaram que seu pai não tinha mais instrução do que a primária. Quer dizer que um grande número de filhos de trabalhadores ou pequenos comerciantes vêm superando o nível cultural do pai. Entre santanenses, porém, dos 205 alunos de ginásio que preencheram o questionário, 75% indicaram que seu pai tinha atingido pelo menos o nível secundário.

Concluímos, portanto, que deve haver, para o riverense, alguma relação entre bilingüismo e urbanização. Devemos notar que, dos adultos identificados como uruguaios, mais de 5% só falavam *português* no dizer dos seus filhos. Os trabalhos de J. Pedro Rona⁵ sobre os chamados dialetos fronteiriços, também indicam que nos departamentos fronteiriços de Artigas, Rivera, etc., há núcleos de pessoas que não falam o castelhano oficial, senão um dialeto português com bastante interferência espanhola. Ora, tais pessoas serão camponeses sem instrução formal e portanto ainda não assimilados lingüisticamente. A medida que as famílias rurais forem gozando dos benefícios duma crescente urbanização, tais “monolíngües fronteiriços” desaparecerão — para se tornarem, não monolíngües em castelhano, senão bilíngües. Achamos que a Tabela B III capta precisamente este processo no seu aspecto lingüístico.

Passando para a Tabela C, vemos que entre santanenses a proporção dos bilíngües se duplica ao chegar ao nível secundário-adolescente, enquanto entre riverenses não há aumento significativo. Nossa interpretação é a seguinte: o brasileiro se torna bilíngüe muito mais tarde do que o uruguaião; este último aprende a falar as duas línguas quase simultaneamente, na infância.

Esse fato tem importantes conseqüências para o tipo de bilingüismo que se dá entre os fronteiriços. Se o uruguaião se torna bilíngüe a uma idade menor do que o brasileiro, é provável que seja o uruguaião, e não o brasileiro, o “bilíngüe funcional” capaz de empregar fluentemente qualquer das línguas em diversas circunstâncias. Esta hipótese é fortalecida pelos dados da Seção B, onde vemos que o bilíngüe brasileiro quase não fala espanhol mais do que com seus colegas uruguaios, enquanto o bilíngüe uruguaião gosta de falar português com todo mundo, mesmo com outros uruguaios.

Para quem conheça a fronteira, é fácil de observar que o riverense se compraz em falar português no seio da família, no café, no comércio, etc., e não apenas por alguma necessidade de comunicar-se com brasileiros. O seu carinho pela língua portuguesa foi sintetizado no que me disse certo informante — “Nós daqui da fronteira, talvez não falemos um português tão puro quanto o de Porto Alegre, mas falamos... Afinal, é nossa língua também.” Ora, tais atitudes não podem ser do agrado dos professores do primário, os quais se vêem um tanto obrigados a lutar

em prol da língua nacional... Mas, por razões históricas ou de outra índole que possamos invocar, refletem realidades que devem ser tomadas em conta com objetividade e compreensão. A situação não difere tanto — guardadas certas proporções, é claro — da que ocorre com o espanhol no Texas.

Na Tabela D, vemos o emprêgo de certos “índices de interferência” que têm alguma semelhança com aspectos do trabalho de William Labov sobre o inglês de Nova Iorque⁶. Escolhemos certos traços fonológicos que podiam ocorrer em determinadas formas por razões de interferência ou “influência” castelhana. Nenhum destes fenômenos é necessariamente produto de tal interferência. O que queríamos saber era se os fenômenos que poderíamos atribuir à interferência aumentavam significativamente de frequência à medida que nos aproximássemos da fonte de interferência, i. é, do espanhol.

Explicamos os “fatores de interferência”:

- 1) Pronúncia aberta da vogal sublinhada em formas como *verde*, caso;
- 2), 3) e 4) Confusões que atingem ao sistema fonêmico — o que Weinreich chama de “underdifferentiation” — dos fonemas indicados na tabela;
- 5) Pronúncia aberta do /a/ nasalizado, em formas como *cama*, *lã*, *samba*, etc.;
- 6) Pronúncia da consoante de *roupa*, *carro* como vibrante alveolar;
- 7) Pronúncia do consoante de *lenha*, *minha*, com forte contato na região alveopalatal;
- 8) Pronúncia do /l/ implosivo de *alto*, *legal*, e semelhantes, com forte oclusão na região alveolar;
- 9) Pronúncia fricativa de /b d g/ em formas como *acabo*, *tudo*, *pago*;
- 10) Pronúncia não africada — o que alguns chamam de “pronúncia fechada” — de /t d/ em formas como *tia*, *día*, *tipo*, *digo*.

Repetimos que nenhum destes fenômenos — salvo talvez 2), 3) e 4) — é necessariamente devido à interferência do espanhol. Podem dar-se — e de fato, aqui alguns deles se dão — em brasileiros monolíngües em português. As frequências dadas aqui são médias tomadas de três grupos de seis informantes cada, como fica explicado na Tabela D. Vemos que os brasileiros do interior (S. Maria, S. Sepé) só mostram uma frequência um pouco elevada no Fator Número 10, i. é, pronúncia fechada de /t d/ diante de /i/. Os brasileiros de Livramento mostraram ocorrências de quase todos os fenômenos, especialmente o Número 10 e o Número 6 (pronúncia vibrante alveolar do /rr/). Os uruguaios bilíngües mostraram todos os fatores, e especialmente o 6, o 10 e o 5 (pronúncia aberta do /a/ nasalizado).

Como os aumentos foram estatisticamente significativos (utilizamos X²), apresentamos a Tabela D como afirmação de que há interferência de tais formas e a tais graus.

Na última Tabela, E, vemos alguns resultados dum levantamento feito entre professores do primário⁷. Perguntamos assim: “Se o Sr. indicou que seus alunos apresentam erros com a língua nacional devido à influência da outra língua, indique se ocorrem tais erros em — ortografia — gramática — vocabulário — pronúncia. Dê exemplos.”

Na Seção I, notamos que os professores de Livramento tenderam a ver os erros nos aspectos lingüísticos de vocabulário (65%) e ortografia (48%). Os de Rivera encontraram mais erros em pronúncia (57%) e gramática (52%). Ora, vocabulário e ortografia são, sob um ponto de vista lingüístico, bem mais superficiais do que fonologia e gramática. Quando uma influência atinge estes últimos aspectos da linguagem, o problema é mais grave do que quando atinge os primeiros.

A seção II dá exemplos fornecidos por esses professores. As palavras sublinhadas são formas dadas pelos professores; as expressões entre aspas são palavras textuais deles.

Concluamos. É triste reconhecer que é verdade o que disse ontem um dos nossos colegas — que muitas vezes os povos, mesmo os da mesma língua, vivem como que de costas viradas uns para os outros. Nas fronteiras da América, acontece muitas vezes que as diferenças entre povos constroem barreiras à comunicação. Na fronteira sul, porém, o convívio entre os dois povos afins é extraordinariamente íntimo e harmonioso; o convívio se processa no meio duma igualdade democrática que muitas outras fronteiras desejariam ter e que veriam com admiração. Mesmo assim, acontece o que constatamos em muitos lugares de contato entre duas línguas — isto é, por razões históricas e também, digamos, sincrônicas, econômicas, políticas, etc. — uma das línguas está em situação dominante ou pelo menos privilegiada. Tal parece ser a situação do português na fronteira em questão⁸.

Sugerimos que em outras fronteiras lingüísticas — que podem ou não coincidir com fronteiras nacionais — é conveniente realizar pesquisas de ambos os lados da fronteira com método uniforme. É importante conhecermos as situações atuais de contato entre povos, pois é óbvio que no futuro tais contatos irão ser mais e mais comuns.

NOTAS:

1. F. Hensley, *Linguistic Consequences of Culture Contact in a Border Community*. Ph. D. diss, Univ. of Texas, 1967.
2. “Interferência” ou “influência”, aqui, traduzem “interference” de acordo com autores como U. Weinreich, *Languages in Contact*, N. Y., 1963.
3. F. Hensley, op. cit.
4. O questionário aparece reproduzido, em versão espanhola, em F. Hensley, “El bilingüismo en relación a la lectura”, CEBELA I, P. Alegre, 1965.

5. J. Pedro Rona, "El dialecto fronterizo del norte del Uruguay", Montevideo, Univ. de la República, 1959.

6. Wm. Labov publicou, por volta de 1967, um livro intitulado *The Social Stratification of English in New York City*, que emprega argumentos estatísticos para relacionar dados lingüísticos com dados sócio-econômicos e de outros tipos.

7. O levantamento é descrito em F. Hensey, "Livramento/Rivera — The Linguistic Side of International Relations", *Journal of Inter-American Studies*, Univ. of Florida, 1966.

8. Para um panorama geral dos estudos de contato entre comunidades lusas e hispânicas, vêde M. de Paiva Boléo, "O Estudo das Relações Mútuas do Português e do Espanhol", Coimbra, 1965. Quanto à situação das línguas minoritárias nos Estados Unidos, talvez o trabalho geral de maior utilidade seja J. Fishman (ed.), *Language Loyalty in the United States*, Mouton, The Hague, 1966.

Tabelas que acompanham

"O Sociolingüismo da Fronteira Sul"

Fritz Hensey
Universidade do Texas
II Cong. ALFAL

- Convívio Fronteiriço.
- Presença e penetração do espanhol em terras brasileiras e do português em terras uruguaias.
- Aquisição e emprêgo de cada língua.
- Índices de interferência fonológica para três grupos de informantes.
- Tipos de interferência do espanhol no português e vice-versa, no dizer dos professôres de escolas primárias.

TABELA A

CONVÍVIO FRONTEIRIÇO

I. Residência e Etnicidade

	Brasileiros	Uruguaios	N= (Pais de Família)
Livramento, RS	.891	.099	645
Rivera, Urug	.085	.915	612
Jaguarão, RS	.948	.052	287
Rio Branco, Urug	.035	.965	142

II. Casamentos Internacionais

	Espôso Brasileiro	Espôso Uruguai	Total	N = (Casais)
Livramento	.065	.075	.140	645
Rivera	.054	.101	.155	612
Jaguarão	.038	.038	.076	287
Rio Branco	.021	.056	.076	142

III. Níveis Sócio-Econômicos em Livramento e Rivera

	Livramento	Rivera
Nível Alto	.078	.036
Nível Médio	.500	.470
Nível Baixo	.422	.494
N = (Famílias)	645	612

TABELA B

PRESENÇA E PENETRAÇÃO DO ESPANHOL EM TERRAS BRASILEIRAS E DO PORTUGUÊS EM TERRAS DO URUGUAI

I. Distribuição Através de Duas Gerações:

% dos que dizem que falam a língua

	Pais	N =	Filhos	N =
Falam Espanhol:				
Livramento	.25	1290	.32	645
Jaguarão	.36	574	.41	287
Falam Português:				
Rivera	.75	1224	.88	612
Rio Branco	.34	284	.58	142

II. Bilingüismo e Etnicidade em Duas Zonas Fronteiriças:

% dos que se dizem bilingües

	Brasileiros	Uruguaios	N = (Pessoas)
Livramento-Rivera	.27	.76	3771
Jaguarão-Rio Branco	.36	.44	1287
N = (Pessoas)	2835	2223	5058

III. Bilingüismo e Nível Sócio-Econômico:

Mudanças Através de Duas Gerações em Livramento e Rivera:
% dos que se dizem bilingües

	LIVRAMENTO			RIVERA		
	Pais	N = (Famílias)	Filhos	Pais	N = (Famílias)	Filhos
Nível Alto	.36	(50)	.41	.90	(22)	.97
Nível Médio	.28	(325)	.34	.86	(286)	.87
Nível Baixo	.20	(270)	.27	.55	(304)	.85
N = (Famílias)		645			612	

TABELA C

AQUISIÇÃO E EMPRÊGO DE CADA LÍNGUA

A. Idade de Aquisição: % de bilingües

	Grupo Infantil Escola Primária Idades 8-11	N =	Grupo Adolescente Escola Secundária Idades 12-19	N =
Livramento	.25	440	.50	205
Rivera	.82	166	.88	446

B. Comportamento Lingüístico:

Preferência por Certa Língua com Certas Pessoas

	Livramento Preferem o Espanhol (N = 202 bilingües)	Rivera Preferem o Português (N = 530 bilingües)
1. Com o Pai	.058	.390
2. Com a Mãe	.039	.405
3. Ambos os Pais	—	.250
4. Com os Irmãos	.044	.400
5. Com os colegas da mesma nacionalidade	—	.275
6. Com os colegas da outra nacionalidade	.770	.365
7. Com os colegas de ambas as nacionalidades	—	.230

TABELA D

ÍNDICES DE INTERFERÊNCIA FONOLÓGICA PARA TRÊS GRUPOS DE INFORMANTES (Médias)

Fator de Interferência	Brasileiros do Interior	Brasileiros de Livramento	Uruguaios de Rivera
1. —I, —U como —e, —o		.075	.308
2. Confusões é/ê, ó/ô			.091
3. Confusões s/z, ã/â			.150
4. Confusões b/v			.166
5. Pronúncia aberta de /ã/		.118	.700
6. Pronúncia alveolar de /ʀ/	.018	.333	.833
7. Pronúncia oclusiva de /ñ/			.580
8. Pronúncia tensa de /l/ implosiva	.045	.200	.605
9. Pronúncia fricativa de /b d g/ à intervocálica		.133	.581
10. Pronúncia oclusiva não africana de /t d/ no contexto —i	.210	.533	.800

Cada grupo é de seis informantes, dois de cada nível sócio-econômico. Cada informante forneceu uma amostra da sua fala. A amostra é uma entrevista gravada.

As percentagens se referem à frequência com que ocorreram, nas amostras, os fenômenos que aqui chamamos de "fatores de interferência".

Por exemplo, o fator número 6 é o modo de articulação do /r/ português. Observaram-se para cada informante 20 ocorrências desse fonema, na sua amostra. Vê-se qual a freqüência com que ocorre /r/ como vibrante múltipla alveolar; dita articulação pode ser devida à interferência do /r/ castelhano. As percentagens acima são médias de cada grupo.

Os índices aumentam significativamente de Brasileiros-do-Interior, para Brasileiros-de-Livramento, para Uruguaios-de-Rivera.

TABELA E

TIPOS DE INTERFERÊNCIA DO ESPANHOL NO PORTUGUÊS
E VICE-VERSA, NO DIZER DOS PROFESSORES DE
ESCOLAS PRIMÁRIAS

I. Distribuição dos Erros Atribuídos à Influência da Outra Língua:

	Livramento (N 52)	Rivera (N 46)
Ortografia	.480	.404
Gramática	.308	.520
Vocabulário	.654	.462
Pronúncia	.366	.576

II. Exemplos ou Descrições de Supostos Erros por Interferência:

	Livramento	Rivera
Ortografia	<i>necesitar, precisán, cuando, ...</i>	<i>armazén, livro, sapateria, ...</i>
Gramática	"Colocação dos pronomes." "Acentuação"	<i>Voy me comprar zapatos.</i> <i>Voy nel almacém.</i>
Vocabulário	<i>bolita, bueno, quaderno, depois,</i> <i>em riba...</i>	<i>amañana, afoto, amoto, facer,</i> <i>tracer...</i>
Pronúncia	"Má acentuação silábica." "ê por é."	"Vocales muy abiertas." "Ese arrastrada."